

GARDENS OF PORTUGAL

«Landscape Architecture is a very subtle art with a very elaborate technique, based on a wide range of sciences. One can maybe explain this relationship between Art, Science and Technique, if compared to listening to a Beethoven sonata live. In the sonata, the art is in the artistic interpretation of the song, the piano is the technique, and the mechanism of the piano is the result of a construction that involves much scientific knowledge. [...] Landscape Architecture is the art of designing the environment where man lives. As such, it belongs to the Fine Arts and is sister to Architecture, as both draw the space where man lives. But if on the one hand they share this same objective, on the other hand they run in opposite directions because Architecture works with geometry, with inert materials and is three-dimensional, while Landscape Architecture works with space and living materials and is dynamic and four-dimensional.

This is perhaps why Landscape Architecture, the most recent of arts, is really the Art of our time, for I believe that the recognition of Time as a dimension in which we live has never been as edgy and as truly felt as it is today.

But it is only a matter of time, because Music is also an Art in which time is important, but there is a big difference between them. Music is commanded by Man, while Landscape Architecture isn't; we, Landscape Architects, only try to induce and persuade Nature to cooperate with us and that's why it used to be called *ars cooperative naturae*.

This text was written in 1966 by Professor Caldeira Cabral¹ and describes, with great insight, the profession of designing and creating gardens and parks, known as Landscape Architecture. Caldeira Cabral was the father of the profession, for in 1942 he created the first course at the ISA (Higher Institute of Agronomy).

As a teacher and continuuer of such teachings in ISA, I selected 75 of the 600 or so Portuguese gardens and parks, both private and public, that have a touch of the Portuguese culture and deserve to be known. Of these 75, eight were chosen for the philatelic collection, following geographic criteria – of a maximum representation of the various landscapes that the country has to offer -, of time - comprising several centuries - and also of multiple sources – the royal house, nobility, clergy, a university and cultured bourgeoisie. The following were therefore chosen: the "Jardins do Palácio da Fronteira" (Gardens of the Fronteira Palace), of the Lisbon nobility of the seventeenth century; the "Jardins do Palácio de Queluz" (gardens of the Queluz Palace) of the Royal House of the eighteenth century; the "Jardim Botânico da Universidade de Coimbra" (Botanical Garden of the Coimbra University) of the eighteenth century; the "Cerca do Mosteiro de Tibães" (Enclosure of the Tibães Monastery) of the clergy in the north, with interventions made in the eighteenth century; the "Parque Terra Nostra" (Terra Nostra Park), especially the intervention made in the nineteenth century by the gentry of the Azores; the gardens of the "Chalet da Condessa" (Countess' Chalet) in Sintra, built in the nineteenth century, with strong links to the royal house; the "Quinta do Palheiro Ferreira" (Palheiro Ferreira Estate), also from the nineteenth century, of the nobility of Madeira; and finally, the only choice of the twentieth century, the "Parque de Serralves" (Serralves Park), created among the high bourgeoisie of Porto in the middle of the last century.

These eight gardens are a selection that represents quite well the Gardens of Portugal, which manage with diversity and, as announced by Caldeira Cabral tell us how over time and throughout our history, technique and science have come together with Nature to create remarkable works of art.

Cristina Castel-Branco

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue
2014 / 06 / 26

Selos / stamps
€0,42 – 2 x 155 000
€0,50 – 120 000
€0,62 – 120 000
€0,72 – 2 x 175 000
€0,80 – 2 x 115 000

Design - AF Atelier

Créditos/credits
Selos/stamps

Palácio Fronteira, Chalet da Condessa D'Edla,
Palácio Nacional de Queluz e
Jardim Botânico da Universidade de Coimbra,
fotos António Sachetti
Parque de Serralves, foto Filipe Braga
Mosteiro de Tibães, foto Filipe Amaral
Parque Terra Nostra, foto Fernanda Resendes
Quinta do Palheiro Ferreira, foto David Francisco

Agradecimentos/acknowledgments

Cristina Castelo-Branco

Direcção Regional da Cultura do Norte
Grupo Bensaude
Fundação das Casas de Fronteira e Alorna
Fundação de Serralves
Parques de Sintra – Monte da Lua
Quinta do Palheiro Ferreira
Universidade de Coimbra

Papel / paper - FSC 110 g/m²

Formato / size

Selos / stamps: 40 x 30,6 mm

Picotagem / perforation

Cruz de Cristo / Cross of Christ 13x13

Impressão / printing - offset

Impressor / printer - INCM

Folhas / sheets - Com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC

C6 - €0,56

Pagela / brochure

€0,70

Obliterações do 1.º dia em
First day obliterations in

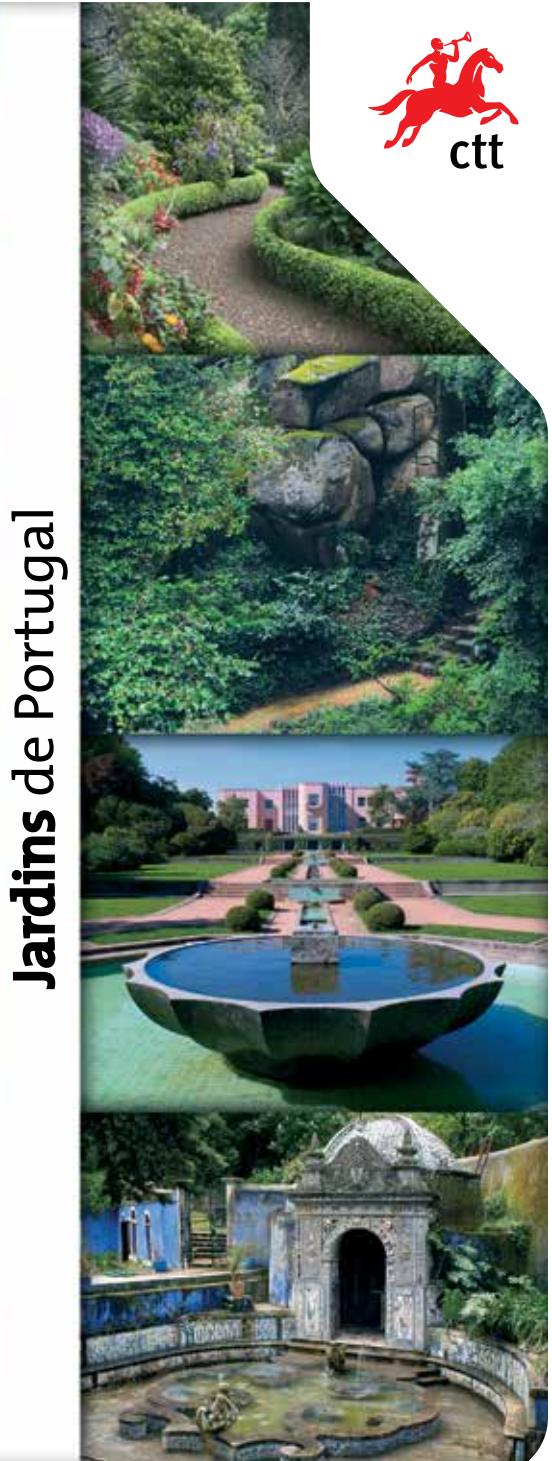
Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA
Loja CTT Município
Praça General Humberto Delgado
4000-999 PORTO
Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL
Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to

FILATELIA
Av. D. João II, n.º13, 1º
1999-001 LISBOA

filatelia@ctt.pt
(colecionadores / collectors)
www.ctt.pt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slightly differences may occur in the final product.
Design: Concept Advertising
Impressão / printing: Futuro, Lda.



Jardins de Portugal





«A Arquitectura Paisagista é uma arte, muito subtil, com uma técnica muito elaborada e baseia-se num vasto campo de ciências. Talvez se possa explicar esta relação entre a Arte, a Ciéncia e a Técnica, se a compararmos com a audição de uma sonata de Beethoven ao vivo. Na sonata, a arte é a interpretação artística da música, o tocar piano é a técnica, e o mecanismo do piano é o resultado de uma construção que envolve muito conhecimento científico.[...] a Arquitectura Paisagista é a arte de projectar o ambiente em que o Homem vive. Como tal, pertence às Belas Artes e é irmã da Arquitectura, pois ambas desenham o espaço em que o Homem vive. Mas se por um lado, partilham deste mesmo objectivo, por outro elas partem de direcções opostas pois a Arquitectura trabalha com a Geometria, com materiais inertes e é tridimensional, enquanto a Arquitectura Paisagista trabalha com o espaço e os materiais vivos, é dinâmica e quadridimensional. É talvez por isso que a Arquitectura Paisagista, a última das artes no tempo, é realmente a Arte do nosso tempo pois julgo que o reconhecimento

do Tempo como dimensão na qual vivemos, nunca foi tão acutilante e tão verdadeiramente sentida como nos nossos dias.

Mas é só uma questão de tempo porque a Música é também uma Arte na qual o tempo é importante, mas existe uma grande diferença entre elas. A Música é comandada pelo Homem, enquanto a Arquitectura Paisagista não; nós Arquitectos Paisagistas só induzimos e tentamos convencer a Natureza a colaborar connosco e é por isso que os antigos lhe chamavam *ars cooperative naturae*.

Este texto foi escrito em 1966 pelo Professor Caldeira Cabral¹ e exprime com grande visão a profissão que projecta e cria jardins e parques e é conhecida por Arquitectura Paisagista. Caldeira Cabral foi o pai da profissão, pois criou em 1942 o primeiro curso no Instituto Superior de Agronomia ISA.

Enquanto professora e continuadora desse ensino no ISA, seleccionei 75 dos cerca de 600 jardins e parques portugueses, privados e públicos, que têm a marca da cultura portuguesa e merecem ser conhecidos. Destes 75, foram

escolhidos oito para a coleção filatélica, seguindo critérios geográficos – de máxima representação das várias paisagens que o país contempla –, de tempo – que incluam vários séculos – e ainda de várias origens – casa real, nobreza, clero, universidade e burguesia culta. Foram assim escolhidos os Jardins do Palácio Fronteira, da nobreza do século XVII de Lisboa; os jardins do Palácio de Queluz da Casa Real do século XVIII; o Jardim Botânico de Coimbra da Universidade, do século XVIII; a Cerca do Mosteiro de Tibães, do clero do Norte do país e com intervenções do século XVIII; o Parque Terra Nostra, especialmente a intervenção do século XIX, da alta burguesia dos Açores; os jardins do Chalet da Condessa em Sintra, criados no século XIX e com forte ligação à casa real; a Quinta do Palheiro Ferreira, também do século XIX, da nobreza Madeirense; e finalmente, a única escolha do século XX, o Parque de Serralves, criado no seio da alta burguesia do Porto a meio do último século.

Estes oito jardins são uma seleção que representa bem os Jardins de Portugal e consegue, com

diversidade e tal como nos anuncia Caldeira Cabral, contar-nos como a técnica e a ciéncia, ao longo do tempo e da nossa história, se conjugaram com a Natureza para criar notáveis obras de arte.

Cristina Castel-Branco



CTT LISBOA
2014.06.26